

Mariana Della Barba

Muitos estudantes de Economia sonham com o mercado financeiro. Igor Moraes foi trabalhar no Congo. Boa parte dos engenheiros recém-formados mira a Petrobrás. Felipe Buznovsky está ajudando no Haiti. Recém-graduados em Relações Internacionais fazem de tudo para entrar no Itamaraty. Graziella Piccolo foi parar no Iraque. Jovens advogados adoraram causas milionárias. Ana Letícia Medeiros está a caminho do Sudão, um dos países mais pobres do mundo.

A trajetória desses quatro brasileiros mostra uma alternativa para médicos, engenheiros, economistas, advogados e outros profissionais que não se veem num escritório ou presos à rotina por muito tempo. Trabalhar em agências de ajuda humanitária pode ser uma boa opção de carreira, que alia satisfação pessoal, experiências marcantes de vida e até um bom salário. E a boa notícia é que os brasileiros vêm sendo cada vez mais procurados para assumir esses cargos mundo afora.

Como seria de se esperar, profissionais da saúde formam boa parte dos quadros de organizações que atuam em países vítimas de guerra, catástrofes ou pobreza crônica. O Médicos Sem Fronteiras (MSF), por exemplo, está buscando brasileiros que sejam anestesistas, cirurgiões, psiquiatras, infectologistas, enfermeiros, pediatras e ginecologistas.

O que muitos não sabem, porém, é que 60% dos profissionais do MSF não são médicos. Há postos para administradores, profissionais de logística, comunicação e sociólogos.

Seja qual for a área, ter sólida formação educacional é o primeiro passo para entrar no setor. “Não basta gostar de viajar. Trabalhar com ajuda humanitária é bem diferente de mochilar pela Europa”, diz Ana Letícia

Medeiros, advogada do MSF que se prepara para a terceira missão na África.

“Mas qualquer experiência internacional, como intercâmbios, já ajuda, porque mostra que a pessoa já foi confrontada com outra cultura”, garante o suíço Dominique Delley, chefe de Recursos Humanos do escritório do MSF no Rio.

Dominar idiomas é um conselho básico dado por todos os profissionais de agências internacionais ouvidos pelo **Estadão.edu**. “Leva vantagem se tiver outro idioma além do inglês. Nossa maior missão é no Congo e agora estamos com um projeto grande no Haiti – dois países de língua francesa”, afirma Delley.

No Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV), a orientação é a mesma. “Um problema que costumo encontrar na América Latina é que muitas vezes as pessoas só falam português ou espanhol. Pelo menos inglês e francês são essenciais”, explica Marçal Izard, responsável pela América Latina na sede do CICV, em Genebra. “Espanhol, russo e árabe também são bastante requisitados.”

Ter alguma bagagem profissional também conta. No MSF e na Cruz Vermelha, há um pré-requisito de dois anos de experiência: “Não mandamos juniores para missões internacionais”, diz Delley. Para ele, essa experiência pode ser obtida trabalhando como voluntário.

Formação sem fronteiras

AGÊNCIAS DE AJUDA HUMANITÁRIA SÃO OPÇÃO DE CARREIRA PARA VÁRIAS PROFISSÕES





Fome – Crianças
jantam em orfanato no Congo, que
abriga a maior
missão do MSF

GRAZIELLA PICCOLO



**Formada em Relações Internacionais na UnB
Responsável pela Comunicação da Cruz Vermelha no Iraque**

“É claro que é impossível responder a todas as necessidades que vemos. Mas quando você faz algo por essas pessoas, como reunir familiares separados ou simplesmente entregar alimentos, não há como explicar o quanto o seu dia termina bem.”

Desde 1995 participo de missões de ajuda humanitária. Já estive na América Central, Croácia, Peru, Usbequistão, Uganda, Afeganistão e agora estou no Iraque, mas minha base é na Jordânia. É verdade que há momentos em que a saudade bate forte. Mas o fato de poder viver uma vida que não me ponha distante da realidade que a maior parte do mundo vive (com guerra, pobreza, violência, abusos) e tentar responder a isso, ainda que minimamente, preenche esse vazio. Lidar com a carga emocional também é complicado. Quando se vê o sofrimento humano, ninguém fica imune. Mas você está ali a trabalho e por isso entender seus limites é fundamental. Também é importante saber desligar no fim do dia, para poder digerir o que se viveu e controlar o cansaço emocional e mental.

O fato de ser mulher não chega a atrapalhar. O que pode acontecer é, nos contextos muçulmanos, você ter menos acesso aos interlocutores ou suas ações terem um impacto menor.”

<http://blogs.estadao.com.br/ponto-edu>

“Temos parcerias com ONGs locais que aceitam voluntários”, diz o engenheiro agrônomo Victor Arai, oficial do Programa Humanitário da Oxfam no Brasil. “Encontrei minha vaga no site Rits (www.rits.org), que divulga oportunidades no terceiro setor”, conta o administrador de empresas Emídio Bastos, da Visão Global.

O currículo formal, porém, é apenas um dos itens na seleção de um candidato ao trabalho humanitário. Num campo de refugiados ou num hospital para feridos de guerra, o inglês fluente é inútil se não vier acompanhado de sangue frio e capacidade de adaptação. “Flexibilidade é a palavra-chave. É preciso saber lidar com situações com-

plicadas”, afirma Delley. No MSF, a seleção envolve testes para ver se o candidato se sai bem sob stress intenso.

“Lidar com a carga emocional é complicado. Quando se vê o sofrimento humano, ninguém fica imune. Mas você está ali a trabalho e por isso entender seus limites é fundamen-

Continua na pág. 10